

Geraiges de Lemos, Amalia Inés; Arroyo, Mónica; Silveira, María Laura. **Prefácio.** *En publicación: América Latina: cidade, campo e turismo. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006.*

ISBN 978-987-1183-64-7

Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/01prefacio.pdf>

www.clacso.org

RED DE BIBLIOTECAS VIRTUALES DE CIENCIAS SOCIALES DE AMERICA LATINA Y EL CARIBE, DE LA RED DE CENTROS MIEMBROS DE CLACSO

<http://www.clacso.org.ar/biblioteca>

biblioteca@clacso.edu.ar

PREFÁCIO

NOSSO CONTINENTE LATINO-AMERICANO vive, nos dias de hoje, um leque de transformações, cuja escala, intensidade e velocidade parecem ofuscar as interpretações. As novas feições da cidade e do campo nos chamam a uma permanente teorização e à interpretação dos diversos lugares. O movimento torna-se uma manifestação central do espaço geográfico e daí a necessidade de abordar práticas sociais como o turismo. As relações ganham, no período da globalização, ainda maior força explicativa.

É preciso, portanto, um enfoque substantivo que dê conta, ao mesmo tempo, das grandes metrópoles e das cidades médias, do campo que é, ao mesmo tempo, modernizado e excludente, do movimento frenético e seletivo de pessoas, causa e consequência da produção de novos lugares.

Iniciamos este segundo volume da coleção com um texto que corresponde à conferência ministrada pelo Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Tendo por título “A América Latina: da criação passada à invenção necessária”, o artigo nos convida a olhar pelo avesso aquilo que foi nossa criação para torná-la – quanto antes – nossa invenção. Aqui e ali, o mestre nos alerta sobre o fato de termos sido criados pelo desejo colonial à sua imagem e semelhança, implantado em espaços geográficos diversificados e chamando, tantas vezes com violência, outras culturas que ainda guardam marcas. Hoje, neste vasto mundo globalizado, tal invenção envolve os diversos aspectos da vida

social e, doravante, o papel da geografia torna-se basilar. É preciso que alcancemos um novo humanismo.

Na primeira parte do livro, intitulada “Feições e ritmos da urbanização”, os problemas são esmiuçados a partir de prismas diversos porém complementares. Carlos de Mattos aborda a relação entre reestruturação produtiva e transformação urbana na atual modernização capitalista. O autor discorre sobre cinco premissas que chamam a atenção para o papel da grande empresa em rede nos processos de acumulação e crescimento, com a respectiva subordinação do Estado-nação, a desregulação, a difusão de tecnologias da informação e comunicação, a financeirização e a produção de símbolos, entre outros aspectos. É nesse contexto que deve ser analisada a nova morfologia urbana, caracterizada pela periurbanização e a formação da cidade difusa, a policentralidade e a fragmentação.

Pondo em questão o neoliberalismo, cujas repercussões sobre a gestão urbana são inegáveis, Ana Fani Alessandri Carlos propõe entender o espaço como instrumento político que tem sido, crescentemente, manipulado pelo Estado. E a metrópole paulistana, diz-nos a autora, é um caso emblemático. A “cidade dos negócios” surge como produto do desenvolvimento do capital financeiro, orientado à construção dos edifícios corporativos, capazes de abrigar os serviços modernos. Por isso, São Paulo explicar-se-ia, hoje, pela passagem do capital produtivo para o capital financeiro, um movimento de relativa desconcentração industrial com centralização financeira.

Aldo Paviani preocupa-se com o processo de expansão metropolitana no Brasil que, nas últimas décadas, provocou a junção da periferização e do desemprego. O Brasil e as demais economias latino-americanas submetem-se aos países industrializados e, mormente, aos ditames dos agentes financeiros internacionais que, somados ao avanço tecnológico e à especialização das tarefas, conduziram a uma epidemia do desemprego. Nesta, observa o autor, criam-se “lacunas de trabalho” que revelam, ao mesmo tempo, a não-criação de postos novos e a eliminação de postos antigos.

O problema do desemprego é retomado por Sandra Lencioni, que o analisa em paralelo ao crescimento da economia industrial brasileira. Por um lado, observa-se uma desconcentração da indústria de transformação, a partir de empresas de capital nacional e mão-de-obra intensiva, em direção ao norte, nordeste e centro-oeste do país e, por outro, vemos no sudeste, no Estado de São Paulo e na capital paulista e o seu entorno a localização das indústrias intensivas em tecnologia e mormente de capital transnacional. Nesse novo retrato de diferenciação regional, a autora discute o aumento da produção física industrial e a queda do número de empregos e da remuneração dos trabalhadores.

Norma Montes Rodríguez apresenta as diferentes feições nacionais da transição demográfica na América Latina, mostrando os mo-

mentos em que cada país conhece a queda da mortalidade e, depois, a queda da natalidade. Paralelamente, a autora preocupa-se com os fenômenos de urbanização e metropolização que também ganham natureza e extensão graças às particulares combinações de fatores econômicos e demográficos nas nações do continente.

Amélia Luisa Damiani salienta a precária inserção de todos os espaços, aí incluídas as diferentes cidades da rede urbana, na moderna sociedade capitalista. A análise que realmente interessa é, portanto, a da simultaneidade dos processos que põem, lado a lado, temporalidades e espacialidades diversas. E é nesse contexto que as cidades médias podem ser analisadas. Nas palavras da autora, uma miríade de periferias e centralidades é permanentemente produzida no mundo contemporâneo, reforçando a interpretação do processo geral de urbanização como um fenômeno múltiplo, diferenciado e multidimensional.

Explicando as diferenças entre cidades médias e cidades intermédias, Nubis Pulido propõe reconhecer estas últimas a partir das sua capacidade de troca, autonomia e liderança. O retrato urbano da América Latina sofre profundas mudanças quando o imperativo é tornar cada aglomeração atraente para localizações corporativas. Na Venezuela, os papéis urbanos também são alterados pelas atuais transformações político-econômicas e o peso da megalópole constituída por Caracas, Maracay e Puerto Cabello –duas cidades intermediárias– é incontestável.

“O campo em debate” constitui a segunda parte deste livro. Nesta, Carlos Reboratti apresenta o panorama da complexa situação que experimenta o campo argentino nos últimos vinte anos, principalmente a partir da expansão da produção de soja, não apenas na região pampeana, que foi fortemente transformada, mas também no noroeste e nordeste do país. Mudanças na estrutura agrária e nos sistemas de produção e distribuição revelam uma tendência à polarização entre um grupo de produtores modernos vinculados ao mercado internacional (da soja, das frutas, do vinho) e um outro de pequenos produtores ainda dependentes de programas governamentais para garantir sua sobrevivência.

A situação do campo na Colômbia é discutida por Luis Carlos Jiménez Reyes, examina as conseqüências da política de abertura econômica na última década, com a perda da importância da produção agropecuária frente aos demais setores. Analisa, em particular, o caso de três áreas próximas à cidade de Bogotá, mostrando os problemas sociais e territoriais que apresenta sua estrutura agrária. O autor insiste na necessidade de considerar a problemática do campo, da ruralidade, a partir de suas interdependências com o fenômeno urbano, com a cidade.

Abordando a transição do escravo para a terra como referencial de riqueza que altera as relações sociais, Júlio César Suzuki debate os limites do uso da expressão “renda da terra” que, na opinião do autor, deveria ser substituída pelo conceito de renda capitalizada. A lógica

capitalista que é a mediação geral no campo brasileiro exige, nos dias de hoje, que o Estado formule políticas agrícolas para dar conta da diversidade de realidades históricas.

Rosa Ester Rossini analisa conjuntamente o espaço, a demografia e o campo. A autora retrata a estrutura demográfica do Estado de São Paulo, os movimentos e as tendências da população e as respectivas relações com as políticas sociais de saúde, educação e saneamento básico, entre outras. A partir de tal contexto, discute as relações entre a urbanização e o trabalho na cultura de cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto, as migrações pendulares, a mecanização, a terceirização e, mormente, a situação da mulher trabalhadora.

Georgina Calderón Aragón preocupa-se com os problemas atuais no México rural e indígena. Analisa as conseqüências da implantação do NAFTA para o campo mexicano, e os movimentos de migração resultantes desse processo. Sugere uma série de propostas para que a produção agrícola cumpra sua função estratégica dentro de um projeto nacional e reflexiona sobre o significado de ser indígena no século XXI, mostrando a situação atual de vários povos, suas formas de organização, suas propostas alternativas para a solução dos problemas locais e regionais.

A força dos povos indígenas na história do presente do Equador é discutida por Juan Hidalgo Aguilera, através da visão cósmica andina, assim como das formas de organização política do movimento indígena. Nos últimos quinze anos, uma série de mobilizações e levantamentos indígenas permitiu que sua participação nos governos federal, regional e local se efetivasse. Os múltiplos níveis e sentidos da luta camponesa e indígena colocaram a discussão sobre a natureza do estado e da nação, fortalecendo a tese do Estado Plurinacional.

Rosa Maria Vieira Medeiros aborda a questão da identidade camponesa no Brasil, mostrando como os agricultores assentados vão construindo um sentimento de pertencimento na busca de novas raízes, na busca de sua reterritorialização. A autora analisa a situação dos assentamentos no Estado do Rio Grande do Sul, à luz da implementação do Programa de Reforma Agrária. Examina, em particular, as experiências de vida das famílias camponesas assentadas em dois municípios localizados na metade sul do Estado, uma área de domínio do latifúndio pecuarista.

Na terceira parte, “Turismo e Território”, Adyr Balastreri Rodrigues sublinha o grande dinamismo que define, hoje, a prática turística. Trata-se de uma prática social que, fundada num hibridismo territorial, agrupa os produtos da massividade e dos tempos velozes, o turismo de negócios e convenções e as práticas que oferecem “cultura” e “tradição”, em cooperação ou conflito com a população de residência permanente. Para analisar tais fenômenos complexos, a autora de-

envolve as características do que denomina “modelo economicista” e “proposta humanista”.

Apresentando as características do mapa turístico da Argentina, Rodolfo Bertonecello dá ênfase à análise dos lugares de destino turístico, para descrever seus rasgos principais e suas transformações ao longo do tempo. São definidos dois grandes períodos para explicar a passagem de um turismo tradicional para um novo modelo turístico, instalado na Argentina dos anos noventa. O autor examina as modalidades que o turismo adota em cada momento e as relaciona com as tendências e transformações sociais gerais que o país experimenta.

Rita de Cássia Ariza da Cruz indaga o planejamento governamental do turismo no Brasil, especialmente na década de noventa quando se observa um alargamento e um aprofundamento da ação pública federal, através de uma seqüência de políticas públicas específicas para o setor. Trata-se da elaboração de diversos planos e programas voltados ao ordenamento do território brasileiro para um uso turístico maciço e internacionalizado. A autora se debruça sobre o significado e as possibilidades de fazer do turismo um instrumento do desenvolvimento local e regional.

Observando a mercantilização do tempo livre, Emilce Beatriz Cammarata analisa a evolução da oferta de produtos e serviços específicos orientados a diferentes segmentos de clientes. Na prática do turismo, a paisagem, a cultura e demais elementos tornam-se, no período atual, verdadeiras *commodities*. Preocupada com o valor da participação da sociedade local na prática do turismo, a autora retoma a discussão do que é considerado patrimônio, geralmente determinado pelos especialistas.

Luzia Neide Menezes Coriolano destaca as relações sociais e de poder que são tecidas entre residentes e turistas, entre produtores e consumidores do turismo. Indígenas e pescadores vêem suas terras expropriadas em favor de segundas residências, *resorts*, cadeias de hotéis e outros equipamentos turísticos. Mas essa não é a única transferência de valor, pois o patrimônio cultural passa da população local aos turistas. Todavia, surgem experiências alternativas de turismo que valorizam a identidade local.

Esses trabalhos foram, entre tantos outros, objeto de profundas discussões durante o X Encontro de Geógrafos da América Latina. Os textos aqui apresentados correspondem a algumas de tais intervenções. Coube ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo a árdua e gratificante tarefa de organizar tal encontro, que aconteceu entre os dias 20 e 25 de março de 2005. Celebrada a cada dois anos em diferentes países, essa reunião pretende promover os debates entre pesquisadores e professores do nosso continente. Participaram também da organização a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), a Associação Nacional

de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE) e o Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-americana (PROLAM). Esse encontro foi possível, também, graças ao apoio financeiro da Universidade de São Paulo, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Naquela ocasião e na preparação material dos livros desta coleção contamos com o trabalho rigoroso e cuidadoso de Flávia Grimm, Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo.

Hoje, mais do que nunca, é mister elaborar nossas próprias interpretações sobre os territórios latino-americanos. E, quando somos convocados a tornar-nos meros produtores de informação, reafirmamos nosso direito de produzir o saber, isto é, identificar os problemas, escolher os temas a investigar, os enfoques e teorias a utilizar. Essas e outras questões são elaboradas, desde prismas diferentes e complementares, neste livro. Com este espírito, inclusive, decidimos publicar os textos nos dois idiomas que fazem parte da tradição lingüística do nosso continente, forma na qual os autores comunicam suas idéias.

Amalia Inés Geraiges de Lemos
Mónica Arroyo
María Laura Silveira
São Paulo, dezembro de 2006